

INTERDISCIPLINARIDADE: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

Railda F. Alves; Maria do Carmo E. Brasileiro;** Suerde M. de O. Brito.****

RESUMO

Este artigo aborda a interdisciplinaridade de forma histórica e crítica. Evidencia as filosofias de base: a filosofia do sujeito e o marxismo dialético, localizando a Teoria das Representações Sociais nesse contexto. A filosofia do sujeito limita-se a uma concepção a-histórica do objeto filosófico científico, interdisciplinaridade, cujo processo de especialização e disciplinaridade é entendido como doença a ser curada pelas práticas interdisciplinares. O paradigma marxista dialético, contrariando tal perspectiva, defende a impossibilidade de concebê-la fora dos moldes de produção em vigor, pois é produto do processo de construção do conhecimento, incluindo a disciplinaridade como etapa dessa construção. A Teoria das Representações Sociais permite a construção dos objetos de pesquisas fora da dicotomia sujeito/objeto; transita entre as ciências humanas; afirma-se como conceito articulador dentre os campos de pesquisa, por perpassar, de forma dialética, conceitos psicológicos e sociológicos, caracterizando-a como interdisciplinar, e aponta alternativas para a questão pedagógica do método interdisciplinar.

Palavras-chave: interdisciplinaridade; filosofia do sujeito; marxismo dialético; Teoria das Representações Sociais.

INTERDISCIPLINITY: BUILDING A CONCEPT

This paper discusses interdisciplinarity in a historic and critical manner. It shows the basic philosophies: the philosophy of the subject and Marxist dialectics, placing the theory of social representation in this context. The philosophy of the subject is limited to an anti-historic conception of a

* Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba; docente da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: rayldah@ig.com.br.

** Doutora em Psicopatologia Clínica pela Université Paul Valéry, França; docente da Universidade Estadual da Paraíba.

*** Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; docente da Universidade Estadual da Paraíba.

scientific philosophical subject, interdisciplinarity, a process of specialization and disciplinarity that is understood as an illness to be cured by the interdisciplinary practices. The Marxist dialectic paradigm, contrary to this perspective, defends the impossibility of conceiving this outside the production molds in effect because it is the product of a knowledge construction process including disciplinarity as a stage of this construction. The theory of social representations allows the construction of research objects outside the subject/object dichotomy and moves among the human sciences; it is affirmed as an articulating concept among the fields of research because it permeates, dialectically, psychological and sociological concepts, characterizing it as interdisciplinary and showing alternatives to the pedagogical issue of the interdisciplinary method.

Key words: interdisciplinarity; philosophy of subject; marxist dialectics; Theory of Social Representations.

Muito já se disse acerca da interdisciplinaridade. Entretanto, ainda não foi possível formalizar um conceito capaz de unir epistemólogos, filósofos e educadores em torno de um consenso. E será mesmo preciso tê-lo, no momento em que se constata, segundo Japiassú (1996), que a ciência ou algumas teorias científicas renunciaram às pretensões de totalidade e completude, e que a ciência busca a universalidade da prática e não de uma teoria afirmada aprioristicamente? Identifica-se, ainda, que a ciência já não é, em função do processo de disciplinarização, A CIÊNCIA, mas as Ciências Humanas, Sociais, Exatas, da Terra, etc.; e já não pretende absolutizar um conhecimento hegemônico. Neste contexto, a ciência não pretende perder de vista a disciplinaridade, mas vislumbra a possibilidade de um diálogo interdisciplinar, que aproxime os saberes específicos, oriundos dos diversos campos do conhecimento, em uma fala compreensível, audível aos diversos interlocutores.

Os objetivos deste artigo são mostrar que os discursos sobre a interdisciplinaridade encontram-se aportados em dois paradigmas científicos: a filosofia do sujeito e o marxismo dialético, e, em seguida, localizar a Teoria das Representações Sociais no contexto destes discursos.

A interdisciplinaridade, no campo da filosofia do sujeito (JANTSCH e BIANCHETTI, 1997), decorre de uma perspectiva vinculada à filosofia idealista, a qual evidencia a autonomia das idéias ou do sujeito pensante sobre os objetos. Esses autores afirmam que as discussões atualmente existentes em torno do tema são hegemônicas e remetem à “[...] concepção a-histórica do objeto filosófico-científico denominado interdisciplinaridade” (p. 11). Segundo eles, tal concepção “[...] caracteriza-se por privilegiar a ação do sujeito sobre o

objeto, de modo a tornar o sujeito um absoluto na construção do conhecimento e do pensamento” (*op. cit.* p. 23). Com o objetivo de exemplificar as posições existentes nesta perspectiva, resumimos as idéias de alguns autores.

Japiassú foi responsável por introduzir, no Brasil, a partir de 1976, as concepções sobre interdisciplinaridade, decorrentes do Congresso de Nice, na França, em 1969. Japiassú e Ivani Fazenda são considerados responsáveis pela veiculação do tema no Brasil, sendo o fulcro temático de Japiassú epistemológico, e o de Fazenda, pedagógico; entretanto, os dois autores têm como base de suas teses a filosofia do sujeito. De acordo com eles, a interdisciplinaridade é apontada como saída para o problema da disciplinaridade, que é contextualizada como doença, devendo, portanto, ser superada/curada, através da prática interdisciplinar. Para sua viabilização, eles indicam a presença de profissionais de várias áreas como necessidade intrínseca ao projeto interdisciplinar. Trata-se da presença de equipes multidisciplinares para o desenvolvimento de projetos de pesquisa.

Segundo Japiassú (1976), à interdisciplinaridade faz-se mister a intercomunicação entre as disciplinas, de modo que resulte uma modificação entre elas, através de diálogo compreensível, uma vez que a simples troca de informações entre organizações disciplinares não constitui um método interdisciplinar.

O referido autor fornece elementos teóricos para a integração metodológica no campo interdisciplinar. Para isso, aponta a tendência de as pesquisas serem realizadas em grupos organizados ou equipes de trabalho, tomando o lugar da pesquisa individual. Ele avalia que a tendência das Ciências Humanas é a orientação para os problemas e o investimento em uma metodologia nova, que dê conta da perspectiva interdisciplinar, embora reconheça a dificuldade em se trabalhar com uma metodologia “concertada” (p. 120).

Japiassú (*op. cit.*) indica dois níveis de trabalho interdisciplinar. O nível *pluridisciplinar* consiste no estudo do mesmo objeto por diferentes disciplinas, sem que haja convergência quanto aos conceitos e métodos; e o *interdisciplinar* consiste em uma integração das disciplinas no nível de conceitos e métodos. A unidade do objeto não se dá de forma *a priori* nem *a posteriori*, pois o objeto real não pode ser apreendido como uma máquina que se pode manipular, tampouco apreendê-lo pela organização dos dados, a partir da investigação científica.

Para dar conta do interdisciplinar, Japiassú aponta dois métodos distintos e complementares: o **método da tarefa**, que se orienta para os empreendimentos humanos e da história, e que se aplica à procura de um objeto comum aos vários conhecimentos, culminando com a prática; e o **método da reflexão interdisciplinar**, que faz menção à reflexão sobre os saberes já constituídos e cujo objetivo é estabelecer juízo e discernimento.

Fazenda (*apud* VEIGA NETO, 1996), em suas publicações voltadas para a preocupação com a organização dos currículos, marca o caráter problemático da disciplinaridade no campo educacional brasileiro e aponta para uma pedagogia interdisciplinar. O seu trabalho dá continuidade ao de Japiassú, com utilização das mesmas nomenclaturas, divergindo, entretanto, no que diz respeito à atitude pessoal para atingir a interdisciplinaridade. Veiga Neto (*op. cit.*) critica esta tônica na atitude pessoal, pois esta representa um deslocamento para a direção comportamental psicologizante, e, assim sendo, é entendida como responsabilidade individual, denominada **dimensão psicologizante da interdisciplinaridade**.

Demo (1998), sem pretender anular a disciplinaridade, e, ao mesmo tempo, admitindo as mudanças que se registram no campo da metodologia das ciências, mostra que a ciência, mesmo que seja articulada de maneiras diferentes, que utilize métodos qualitativos e mais flexíveis, na tentativa de adquirir o conhecimento do todo, não prescinde da formalização do objeto de pesquisa. Para ele, a ciência evoluiu a tal ponto, graças à especialização, que permitiu um amadurecimento calcado na “[...] superação do olhar superficial, entrando na direção analítica do real” (p. 84).

Sobre este aspecto reside o problema de se querer produzir ciência enquadrando-na em pólos extremistas. Por um lado, a especialização extrema; por outro, a generalidade. Segundo a visão de Demo, as duas possibilidades mutilam a realidade. Por isso, recomenda a superação dos extremos e avalia a necessidade de especialidades na ciência, com o objetivo de aprofundar o conhecimento, e de especialistas capazes de dialogar com outros de diferentes áreas.

A interdisciplinaridade quer “[...] horizontalizar a verticalização, para que a visão complexa seja também profunda, e verticalizar a horizontalização, para que a visão profunda seja também complexa” (DEMO, p. 88).

Demo define a interdisciplinaridade “[...] como a arte do aprofundamento com sentido de abrangência, para dar conta, ao mesmo tempo, da particularidade e da complexidade do real” (pp. 88-89). Ele sugere a prática de pesquisa em grupo como metodologia mais indicada, pela possibilidade da cooperação qualitativa entre especialistas. Esta prática será viabilizada através das equipes de profissionais ou pesquisadores especialistas, mediados pela linguagem, pelo diálogo e pelos métodos acessíveis a todos.

Quanto à interdisciplinaridade na pós-graduação, Demo propõe a realização de teses em grupos, em decorrência da realização das pesquisas em grupos. Sugere teses com o mesmo objeto de pesquisa, que deve ser trabalhado, em várias perspectivas, por pesquisadores de áreas diferentes.

As idéias de Japiassú e Demo demonstram a valorização dos conceitos e métodos no engendramento da interdisciplinaridade; entretanto, denotam claramente a visão a-histórica do objeto interdisciplinar, a sobreposição do sujeito sobre o objeto, bem como a criação de uma superdisciplina como método para a sua execução.

No Simpósio Interdisciplinaridade em Questão, realizado em Campina Grande – PB, Brasil, 1998, o tema foi amplamente discutido, dando origem à produção de textos, alguns dos quais resumiremos a seguir, por serem considerados consensuais.

Na visão de Siepinski (1998), não existe consenso quanto ao significado de interdisciplinaridade. Ele a entende como uma possibilidade de transposição das limitações da compartimentalização. E afirma que:

[...] é na convivência com especialistas de outras áreas que o cientista submete suas teorias, impregnadas de particularismos de sua área específica, ao crivo da crítica de seus, por assim dizer, primos. Portanto, a característica principal da interdisciplinaridade é o conflito e não a harmonia (p. 27).

Neste contexto, não interpretamos o conflito, sobre o qual fala o autor citado, como a falta de diálogo. Pelo contrário, o conflito é entendido como advindo do encontro de posições antagônicas, articuladas diante do debate científico.

Burity (1998), sem se dizer contrário à interdisciplinaridade, chama a atenção para a perspectiva ideológica que transforma este tema em um fenômeno de moda. E diz que, por trás dele, existe um processo ideológico maquiado pela exigência do discurso oficial da academia ou, ainda, pela lei do mercado globalizado a qual pede profissionais cada vez mais eficientes.

Teixeira (1998) defende a interdisciplinaridade e argumenta que reconhece os progressos do conhecimento científico produzidos até agora, mas aponta os limites explicativos das perspectivas especialistas. E afirma que é preciso estabelecer um diálogo entre as especialidades as mais distanciadas.

Através destas sínteses, vemos que os discursos sobre a interdisciplinaridade, articulados no importante evento citado, não conseguem superar a visão idealista proporcionada pela filosofia do sujeito, pois se baseiam na superação da compartimentalização dos conhecimentos e na perspectiva meramente dialógica entre as disciplinas. É importante reconhecer, como um avanço, a possibilidade de poder criticar a interdisciplinaridade enquanto fenômeno de moda, bem como a interferência das ideologias reinantes no âmbito do fenômeno globalização, influenciando o pensamento atual sobre o tema.

O contraponto da perspectiva apresentada até agora é o aporte interdisciplinar originário do paradigma marxista dialético, que surge como proposta crítica ao movimento existente. Nesse sentido, também apresentaremos, a seguir, alguns autores.

Jantsch e Bianchetti (1997a) argumentam que a interdisciplinaridade não pode ser concebida fora dos modos de produção históricos em vigor. Significa que é produto de um processo que foi engendrado no meio da construção do conhecimento ao qual subjazem a filosofia e a ciência. Inclua-se, aí, a fragmentação do conhecimento. A abordagem interdisciplinar deve ser entendida como produto histórico. Tal compreensão não exclui a necessidade de avançar na direção de outro paradigma que permita uma aproximação maior da visão histórica. Não implica também que interdisciplinaridade e especialidade não possam conviver de forma harmoniosa, dado que o “genérico e o específico não são excludentes” (JANTSCH e BIANCHETTI, 1997b).

Segundo Jantsch e Bianchetti (1997a), as concepções atreladas à filosofia do sujeito são a-históricas, e, nestas condições, não é possível encontrar substrato para a interdisciplinaridade. “A construção histórica de um objeto implica a constituição do objeto e a tensão entre o sujeito pensante e as condições objetivas (materialidade) para o pensamento” (pp.11-12). Identificamos que os autores acima referidos situam a interdisciplinaridade no campo da epistemologia e criticam a sua vinculação à filosofia do sujeito, pelo fato de não ser esta filosofia a base para a interdisciplinaridade, à medida que recusam a acepção subjetivista, na qual o homem é superestimado no processo de construção do conhecimento. Recusam, também, a acepção iluminista, cuja concepção da interdisciplinaridade remete à idéia de método, sugerindo que, através dele, seja possível resgatar a Ciência dos desvios da especialização. Rejeitam, ainda, a idéia de realização de trabalhos em equipes – pesquisas e teses – como saída para a concretização da interdisciplinaridade. Mostram-se contrários à acepção positivista e ao “[...] racionalismo cartesiano que afirma um sujeito (pensante) que se põe a si mesmo” (p. 12). Finalmente, defendem uma concepção dialética ou histórica da produção do conhecimento/pensamento pela ênfase dada à relação entre objeto e sujeito, como prerrogativa para a interdisciplinaridade, posto que nem objeto e nem sujeito são autônomos (*op. cit.*, 1997c).

Etges (1997) faz uma crítica à reflexão atual sobre a interdisciplinaridade, por ser a sua orientação a-histórica. Para ele, a interdisciplinaridade deve orientar-se na direção da visão dialética ou histórica. Os elementos constitutivos do seu conceito partem das seguintes considerações: o fenômeno interdisciplinar não é metafísico; funda-se no trabalho dos cientistas; a ciência é vista como meio de produção de novos mundos adequados aos sujeitos; a ciência é uma

totalidade fechada cuja existência somente é possível quando exteriorizada pela linguagem; serve para “[...] mediar a comunicação entre eles e o mundo do senso comum” (p. 71). Ela é concebida como princípio mediador entre as disciplinas, não podendo ser entendida como função reducionista das disciplinas a um denominador comum, levando-as à destruição. Na visão histórica, ao contrário, reforçam-se os princípios da criatividade e da diferença.

Veiga Neto (1996) estuda e entende a interdisciplinaridade como um processo pertencente à disciplinaridade e não como posição antagonista que deve ser superada. Em seu trabalho **arqueológico e genealógico** acerca da disciplinaridade, ele mostra que tanto Japiassú como Fazenda teorizam a disciplinaridade em um contexto da patologia, e a interdisciplinaridade como uma direção comportamental psicologizante. Reconhece a evolução do conhecimento sobre interdisciplinaridade e diz que esta evolução não rompe com os modelos pioneiros de Japiassú e Fazenda, os quais, embora apresentem algumas discordâncias, contribuem para o aperfeiçoamento dos discursos anteriores. Dito de outra forma, os discursos sobre interdisciplinaridade progrediram, mas não se dispersaram das duas abordagens – epistemológica e pedagógica – introduzidas por Japiassú e Fazenda.

Para Veiga Neto (*op. cit.*), tanto a disciplinaridade como a interdisciplinaridade são partícipes de um mesmo processo histórico educacional. Ele não vê nesta última o meio único de se produzir conhecimentos capazes de desvendar a realidade objetiva de forma inequívoca. Entende a interdisciplinaridade como um trabalho conjunto de várias disciplinas em direção do mesmo objeto de pesquisa, com o propósito de aproximá-lo, cada vez mais, da realidade objetiva, à medida que constrói sua perspectiva dialética.

INTERFACE INTERDISCIPLINARIDADE / REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

A Teoria das Representações Sociais, em sua interface com a interdisciplinaridade, apresenta pontos de intersecção. Estas duas abordagens se localizam em um momento histórico, no decurso da ciência, de mudança de paradigma. Em evidência estão o questionamento da universalidade dos métodos e instrumentos de pesquisa das Ciências Naturais e a construção de teorias e metodologias de pesquisa mais adequadas à nova compreensão dos múltiplos campos de estudos.

Em autores como Sá (1998a; 1998b), Moreira e Oliveira (1998) e Jodelet (1998) são encontradas duas associações entre interdisciplinaridade e representações sociais.

A primeira associação remete à idéia de multidisciplinaridade, em consequência do fato de ser a Teoria das Representações Sociais pertinente aos estudos pluridisciplinares, o que redundava em práticas de pesquisas diversas, sobretudo quando se considera a possibilidade de campos de aplicação diversos. Sem a preocupação de teorizar a respeito, os autores acima referidos detectam a utilização desta teoria em campos como o da saúde, da educação, da infância, dentre outros, e mapeiam temas diferentes como a aids, a epilepsia, os meninos de rua e outros, como objetos de estudo.

A segunda associa a interdisciplinaridade à escola brasileira de representações sociais, que é assim caracterizada pela diversidade temática na qual é utilizado o referencial das representações sociais, em domínios do conhecimento bem diversos. Na perspectiva dos referidos autores, a interdisciplinaridade é entendida como a identificação dos pontos comuns dentre as diferenças, na tentativa de buscar o generalizável no particular. Eles chamam a atenção para o cuidado em não anular as diferenças e nem homogeneizar o conhecimento.

Segundo Sá (1998a), a escola brasileira se identifica pelo “[...] significativo grau de maturidade, diversificação, qualidade e efetiva inserção internacional” (p. ix).

Sá (*op. cit.*), e Moreira e Oliveira (1998) partem da noção de diálogo entre as disciplinas, para dizer que a Teoria das Representações Sociais é, em sua essência, interdisciplinar. Nesta perspectiva, observamos que a interdisciplinaridade aproxima-se à noção de multidisciplinaridade, indicando a prática do diálogo multiprofissional, concebido como possibilidade de estabelecer um veio de comunicação entre os diversos campos do conhecimento, dessa forma, permitindo níveis de contribuição e entendimento entre as disciplinas, de modo a garantir a compreensão cada vez mais clara dos objetos de pesquisa.

Os autores são superficiais em sua perspectiva, pois não se dão conta de que esta é engendrada a partir da filosofia do sujeito, já mencionada neste trabalho, em uma visão crítica, como também porque não exploram o potencial da Teoria das Representações Sociais para compreender e explicar os fenômenos humanos e sociais em uma perspectiva dialética, não necessariamente marxista.

Uma pista para o entendimento dessa teoria como interdisciplinar sinaliza para o campo epistemológico, mais especificamente a superação da dicotomia sujeito/objeto. Significa dizer que os múltiplos construtos e possibilidades metodológicas, permitem a construção dos objetos de pesquisa sobre a base da integração entre a pessoa e os processos sociais. Talvez seja este o caminho a ser percorrido na direção da explicitação do caráter interdisciplinar dessa teoria.

Jodelet (1989), pensando nessa direção, argumenta que a Teoria das Representações Sociais consegue uma penetração em todas as Ciências

Humanas, tornando-se um conceito articulador das múltiplas perspectivas dos diferentes campos de pesquisa. Isso é possível graças à interlocução dialética que existe na base de construção de seus conceitos, permitindo uma interface entre noções psicológicas e sociológicas. Esta posição híbrida da teoria é, em sua essência, interdisciplinar. Este nível de compreensão aponta uma saída para a questão da perspectiva pedagógica da interdisciplinaridade, ou seja, tenta responder à polêmica questão do método interdisciplinar, no momento em que se reconhece que fracassaram as tentativas feitas até agora para construir um método que tenha tal feição e que dê conta sozinho da construção e compreensão dos objetos de pesquisa.

Assim, seria oportuno valorizar os programas de pesquisa que buscam cada vez mais articular o sujeito e o objeto de estudo numa perspectiva contrária à filosofia do sujeito. Indica-se a utilização de multimétodos de pesquisa (JODELET, 1995; SPINK, 1996) e a articulação de teorias que concebem os fenômenos, para os quais buscam explicação, de uma forma essencialmente histórica, a exemplo das teorias: Representações Sociais, Práticas Discursivas, Análise de Discurso, Dialética Marxista, entre outras.

Concluimos, a partir das idéias aqui apresentadas, que interdisciplinaridade e representações sociais se localizam em campos que ora se constroem, ora apresentam características de superação paradigmática: a Teoria das Representações Sociais, promovendo o avanço da Psicologia Social e permitindo uma compreensão do ser humano de forma dialética, e a Interdisciplinaridade, desenvolvendo-se na medida em que desbrava as fronteiras da filosofia do sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURITY, J. A. *Interdisciplinaridade, discurso e diálogo científico*. In: Simpósio Interdisciplinaridade em Questão - Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba. Anais, 1998.
- DEMO, P. *Conhecimento moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ETGES, N. J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: Jantsch, A. P. & Bianchetti, L. (Orgs.) *Interdisciplinaridade - para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JAPIASSÚ, H.. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *Nascimento e morte das ciências humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- _____. *A crise da razão e do saber objetivo: as ondas do irracional*. São Paulo: Letras & Letras, 1996.

- JANTSCH, A. P. & BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade - Para além da filosofia do sujeito. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Orgs.) *Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1997a.
- _____. Imanência, História e Interdisciplinaridade. In: JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. (Org.). *Interdisciplinaridade. Para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis: Vozes, 1997b.
- JODELET, D. Représentations Sociales: un Domaine en Expansion. In: JODELET, D. (Org.) *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF, 1989.
- _____. *Folies et représentations sociales*. Paris: PUF, 1995.
- _____. Prefácio. In: SÁ, C.P. *A construção do objeto de pesquisa em representação social*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. Apresentação. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. Goiânia: AB, 1998.
- SÁ, C.P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998a.
- _____. C.P. Prefácio. In: MOREIRA, A.S.P.; OLIVEIRA, D.C. (Orgs.). *Estudos interdisciplinares de representações sociais*. Goiânia: AB, 1998b.
- SIEPIERSKI, P. *Interdisciplinaridade e cientificidade*. In: Simpósio Interdisciplinaridade em Questão - Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba. Anais, 1998.
- SPINK, M.J. Representações Sociais. Questionando o Estado da Arte. *Psicologia & Sociedade* - ABRAPSO, v. 8, n. 2, 1996.
- TEIXEIRA, O.A. *Interdisciplinaridade, discurso e diálogo científico*. In: Simpósio Interdisciplinaridade em Questão – Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba. Anais, 1998.
- VEIGA NETO, A.J. *A ordem das disciplinas*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 1996.